

"A FEBRE amorosa", um romance de Eustáquio Gomes.
 Correio Popular, Campinas, 26 ago. 1984.

"A Febre Amorosa", um romance de Eustáquio Gomes

Sexo, política, nobres em declínio moral e físico, um imperador poeta e bobo, jornalistas, boêmios, um barão impotente e a desenfreada, lúbrica, molhadíssima paixão de uma baronesa ardente por um devasso médico sanitaria numa Campinas devastada pela febre amarela e o vírus republicano. Essa é a apresentação de contracapa do livro "A Febre Amorosa", escrito por Eustáquio Teixeira Gomes, que terá noite de autógrafos no dia 6 de setembro no auditório do Centro de Ciências, Letras e Artes.

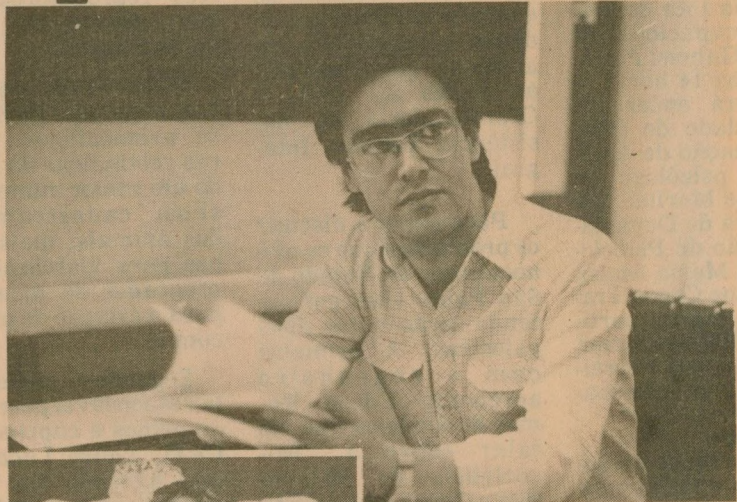
"A Febre Amorosa" traz uma história de amor ocorrida em 1889, o ano da República. Em abril daquele ano, "a cidade de Campinas, então uma espécie de capital agrícola de São Paulo, foi praticamente dizimada pela febre amarela. De seus trinta mil habitantes, uns 25 mil fugiram, 5 mil ficaram e perto de mil morreram. Campinas virou uma cidade fantasma, as ruas desertas, o comércio fechado, tudo fechado. Só as igrejas andavam cheias. Dom Pedro II mandou uma comissão de saúde, que pouco resolveu", explicou o autor.

O romance começa quando um dos médicos dessa comissão de saúde se apaixona por uma jovem baronesa cujo marido, por alguma razão, viaja. É uma paixão violenta, carnal, devastadora, como a própria epidemia. Daí o título do livro. A idéia nasceu numa das vezes em que Eustáquio se deliciava em ler velhos jornais da época, no próprio Centro de Ciências. Por isso fatos verdadeiros se mesclam à ficção do livro. Além de gerar curiosidade, o livro acaba se apresentando como uma novela de fundo histórico.

Folhetim

"A Febre Amorosa" pode até ser uma novela, "na velha tradição das novelas picarescas construídas com o material vivo de uma época", explica Eustáquio. Mas confessa que não pensou em gêneros literários ao escrevê-la. A obra está mais para o romance-folhetim, pensa ele.

Outro aspecto interessante do livro é sua divisão. As três partes de "A Febre Amorosa" se mostram como blocos desmontáveis, ou seja, uma



Depois de "Os Jogos de Junho", o jornalista Eustáquio Gomes lança um novo romance, "A Febre Amarela". Uma história de amor ocorrida em 1889, o ano da República. Segundo o autor, de 31 anos, poderia ser até uma novela, "na velha tradição das novelas picarescas construídas com o material vivo de uma época".

mesma história contada três vezes. Não existe uma divisão clássica, e sim "perspectivas diferentes e com aprofundamentos de sombra cor".

— Na primeira parte a história é contada linearmente, embora em estilo telegráfico. Na segunda, retoma os fatos através dos lugares, o Bar do Elói, o Clube Republicano, a Redação do "Diário de Campinas" etc. E, finalmente, na última parte, esses mesmos fatos são revisitos e recontados sob outra luz, através dos nomes dos personagens.

A primeira parte foi publicada quase inteira no **Correio Popular**, através de um folhetim mantido de janeiro a agosto de 1983 no extinto suplemento "Domingo Cultural", do qual Eustáquio Teixeira Gomes foi editor.

Ele passou mais de um ano

reescrevendo tudo e trabalhando as duas outras partes. "Varando madrugada" e aproveitando as horas de folga. (Eustáquio é assessor da Unicamp).

"A Febre Amorosa", é um lançamento da DMW Editora, uma casa nova no mercado, "pequena, que trata o livro com carinho", e que, garante o autor, fez no caso dele, um contrato em padrões inéditos, longe do tradicional esquema de "indigência". O livro de Eustáquio inaugura a coleção "Tirando de Letra", que vai abordar bons textos de ficção.

Mineiro de Campos Altos, 31 anos, Eustáquio Teixeira Gomes é autor de "Cavalo Inundado" (poemas, 1975), "Mulher que Virou Canoa" (contos, 1978), "Os Jogos de Junho" (romance, 1981), "Hemingway, sete encontros com o Leão" ensaio, 1982).